



**Jornal-laboratório *Ágora*:  
o experimentalismo no fazer jornalístico retratado nos editoriais, artigos  
opinativos e cartas ao leitor<sup>1</sup>**

Susana Duarte FERNANDES<sup>2</sup>, Angélica Justo, Camila MACHADO, Carla GOMES,  
Cristina SENS, Cristóvam IUBEL, Fabiana ALVES, Francielli ZANINI, Francisco  
CARBONI, Gracielli WALTER, Graziella CURTI, Guilherme BITTAR, João Paulo  
SILVA, Jorge TELLES, Jussara JURACH, Karla BRANDÃO, Leandro TAFURI,  
Mariana QUADROS, Maristela Scremin VALÉRIO, Paula Assis FERNANDES, Paulo  
PANSANATTO, Saulo THIMÓTEO, Wyllian Eduardo CORRÊA  
Márcio FERNANDES<sup>3</sup>  
Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

**Resumo**

O presente documento apresenta as bases do experimentalismo produzido no ano de 2007 dentro das edições do jornal-laboratório *Ágora*, do quarto ano do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Tendo justamente o experimentalismo como norte (em decorrência principalmente de ser o produto em questão uma publicação laboratorial), o *Ágora* teve 17 edições, várias das quais elaboradas em tempo real, enquanto outras tinham o caráter de edições especiais ou de factualidade. Como meta final, estava a proposta de, ao não ter uma linha editorial restrita, ofertar ao alunado as chances de praticar diversas correntes de técnica jornalística, levando-os a compreender o que há para além da superficialidade estilística que domina o mercado brasileiro, por exemplo.

**Palavras-chave:** Jornal-Laboratório; Editoriais; Artigos opinativos; Cartas ao Leitor; Experimentalismo

**Introdução, Objetivo, Justificativa e Métodos e Técnicas Utilizadas, Descrição do Produto e Considerações**

Se a um jornal-laboratório se reserva, por definição legal ou preceito secular, o papel de reproduzir as condições do mercado de trabalho que futuros jornalistas irão encontrar em qualquer canto do País, o *Ágora* tem procurado ir além. No momento em que finaliza por seu terceiro ano de existência, quando da escrita deste Relato, o produto mantido pelo quarto ano do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), pode ser designado como um *devezenquandário*, expressão ausente dos dicionários mas recorrente nos bancos escolas Brasil afora, ainda que muitos tentem mascarar isso em seus expedientes. Mas, ao menos, para a equipe do

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Expocom, na categoria Jornalismo Impresso, modalidade produto.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Susana Fernandes, email: susana@unicentro.br

<sup>3</sup> Professor orientador Ms. Márcio Fernandes, email: marciorf@globo.com



**Ágora**, tal condição não é vista como pejorativa, capaz de denegrir os experimentos que têm sido realizados desde o segundo semestre de 2006. Bem ao contrário. As edições de 2007 atestam isso, da primeira à última página, passando, em especial, pelos editoriais, artigos opinativos ou cartas ao leitor.

## 1. Os eixos

### 1.1 O primeiro ciclo

Em linhas gerais, a trajetória do jornal-laboratório mantido mais diretamente pelo Departamento de Comunicação Social (Decs) da Unicentro tem dois eixos, o primeiro deles de fevereiro de 2005 a julho de 2006, quando 11 edições circularam, tiragem média de 500 exemplares cada. Nesse intervalo, a publicação saiu com 8 edições em papel jornal e formato tablóide. As três finais aconteceram já em papel sulfite e tamanho A4.

Em comum, a circulação temporal irregular e as coberturas factuais como mola motriz da linha editorial. A Copa do Mundo da Alemanha, recorda-se, serviu de tema da edição 11, a qual trazia uma repercussão regional sobre o acontecimento esportivo. Também como lastro geral às 11 edições é importante ressaltar o *modus operandi* de distribuição. De cada bloco de 500 jornais, a maior parcela era depositada sobre os balcões da Unicentro, para retirada gratuita de qualquer interessado. Outros iam para o arquivo da instituição e alguns para os acervos pessoais de alunos e docentes envolvidos.

No tangente ao conteúdo editorial, dada a observância da característica da factualidade, as pautas eram abordadas sob a ótica do lead e de tudo o que essa técnica jornalística enseja, em termos textuais e visuais.

Mas, distintamente do que a narração até aqui pode sugerir, a trajetória do **Ágora** nesse primeiro ciclo de vida é vista como meritória, na medida em que cumpre os preceitos legais (mínimo de oito edições anuais, conforme desejado pelos manuais governamentais de avaliação de cursos superiores) e se iguala à parcela de jornais experimentais existentes nas carreiras de Jornalismo brasileiras que oportunizam preceitos tidos como relevantes por professores orientadores de tais publicações e por autores fartamente respeitados. É de conhecimento geral que não são poucos os boletins laboratoriais cuja circulação se restringe ao mundo eletrônico, ou seja, envio por e-mail,



em arquivo com formato .pdf. O **Ágora** tem, como dito acima, procurado ir bem além desse patamar.

## 1.2 O segundo ciclo

O segundo eixo do **Ágora**, ainda em andamento, começa em agosto de 2006 e é subdividido em três: edições temáticas normais, edições em tempo real e edições especiais. Desde então, e até o instante do fechamento do presente texto, mais 23 números foram entregues ao público, 17 dos quais em 2007. Em cada uma delas, procurava-se, por meio de editoriais, artigos opinativos ou cartas ao leitor, explicitar, em geral na página 2, os motes que norteavam cada edição. Quando da circulação de um número contendo somente entrevistas ping-pong, um texto elaborado pela jornalista e professora universitária Thays Poletto, de Curitiba, contribuía sobremaneira para detalhar aquele material que o leitor tinha em mãos. A docente, registra-se, sabia bem em que terreno estava pisando, em decorrência de sua vasta carreira como jornalista, incluindo passagens por veículos da América Latina e da Europa. Em distintas edições, os editoriais traziam pormenores do processo de elaboração da edição, como no primeiro semestre de 2008, quando uma parcela da turma veiculou um raio-x da cultura da batata, um dos motores da economia de Guarapuava. Em outra situação, na edição 17 (a última de 2007), uma pequena inversão, quando o editorial foi lançado à contracapa, apresentando parte dos bastidores daquele exemplar, que trazia entrevistas e reportagens produzidas pelos alunos do quarto ano com personalidades bastante midiáticas, como a cantora Rita Cadillac, o garoto-propaganda Carlos Moreno, o cantor Sidney Magal e o esportivo Gustavo Borges, dentre outros tantos. E, em mais um exemplo que cabe citar, a edição 10 apontava alguns caminhos seguidos pelos futuros jornalistas quando da coleta de material para as reportagens sobre o sistema viário de transportes de Guarapuava. Durante todo o dia, os alunos acompanharam parte da rotina de algumas das 20 mil pessoas usuárias da rede todos os dias.

Para além disto, é importante informar que as chamadas edições temáticas normais são aquelas em que cada grupo (em 2007, eram três dentro da turma de formandos) se encarrega por produzir, minimamente, 12 páginas A4 (capa e contracapa coloridas) de um tema só. Ao longo de duas a quatro semanas, o processo jornalístico acontece, com os próprios membros escolhendo quem faz as fotos, quem cuida dos aspectos gráficos e assim por diante. Escrever é tarefa de todos, sempre. Uma análise



acurada de cada edição permite notar o amplo envolvimento do alunado em todas as etapas, em esquema de rodízio de funções, abarcando os itens produção da pauta, diagramação, fotografia, edição, paginação e arte-final.

Na medida do possível e de um provável salto qualitativo em relação ao método tradicional da construção da narrativa, o acadêmico se torna parte do fato que irá ser transformado em texto. Algumas edições de 2007 tiveram esse caráter, dentro do que apregoa, por exemplo, o New Journalism, a escola surgida no final dos anos 50 e hoje bastante difundida sobretudo em revistas. No âmbito brasileiro, cabe citar os casos Piauí e Rolling Stone.

Quando determinado grupo optou por elaborar uma edição relativa ao universo do cultivo da batata em Guarapuava (onde fica o campus-sede da Unicentro), parte dos alunos foi vender o tubérculo em uma das rodovias que cortam a cidade. Outros, dentro do mesmo tema, acompanharam um motorista no trajeto Guarapuava-São Paulo-Guarapuava, em um circuito de 1,4 mil km em menos de 30 horas, a bordo de um caminhão. Em tais situações, e não raro, o texto é elaborado com passagens em primeira pessoa, em um cenário que lembra bastante o Gonzo Journalism e o há pouco nominado New Journalism.

Ainda dentro do quadro das edições temáticas normais, houve a produção de um número acerca de projetos assistenciais de Guarapuava. A função social do jornalista, ainda acadêmico, se transformou na tônica da edição, algo que permeia vários dos demais números que circularam em 2007. Adiante, os leitores receberam em mãos material amplo sobre trabalhadores que, na mesma Guarapuava, estão a postos entre 5h e 6h da manhã.

Entremeios, o **Ágora** tem o que se pode chamar de mini-ciclo. Em um dia qualquer, a partir das 10h da manhã, determinada equipe de estudantes precisa definir a pauta e entregar igualmente pelo menos 12 páginas à gráfica antes das 22h. Nesse período de tempo, há captação de imagens, elaboração de gráficos, escrita jornalística e, o que é importante para a capacitação do alunado, todos os percalços que uma edição em tempo real enseja, incluindo-se aí dificuldades logísticas, entrevistados que *não rendem*, etc etc.

Dos 23 números citados há pouco, seis se deram em tempo real, em uma proposta didática inspirada na publicação experimental Laboratório da Notícia (Lona), mantida há quatro anos pelo Centro Universitário Positivo (Unicenp), de Curitiba, e tido como o único jornal-laboratório diário do Brasil. Em se tratando de temas, certa vez os



estudantes saíram às ruas do bairro Santa Cruz em busca de personagens capazes de sustentar pelo menos uma página de história atraente ao leitor. Ao longo do dia, iam retornando à redação com o caso do taxista que fizera anos atrás um parto em seu carro de aluguel; com a trajetória do imigrante romeno que desembarcou jovem em Guarapuava; com o casal que construiu uma praça particular dentro de sua residência; e muito mais.

Em outro instante, a manchete e a foto da edição eram excelentes indicativos do que o grupo havia pensado e materializado – *Eles são tão pequenos mas têm uma importância* era o que estava escrito, por cima de uma foto recheada de mãos que seguravam ou um botão de camisa ou uma chave de uma casa qualquer, dentre outros. Nas páginas internas, o leitor encontrava uma fotolegenda em cada página, em uma pequena e provocativa subversão da visão tradicional do Jornalismo.

A terceira subdivisão é a que a turma denomina edições especiais. Em março de 2007, a maior parte da turma cruzou a Ponte da Amizade em um sábado pela manhã de Sol escaldante, em um clima típico da região da Tríplice Fronteira de Foz do Iguaçu. Quando retornaram, pelo meio da tarde, eles carregavam em seus blocos, gravadores digitais, reprodutores de MP3, máquinas fotográficas e outras informações pequenas ou grandes histórias de uma zona comercial ímpar no planeta. Desnecessário dar grande destaque à informação de que, para muitos dos viajantes, o que se deu também foi a primeira experiência em terra estrangeira, mesmo que curta. A edição Paraguai, como se convencionou chamar genericamente, rendeu 16 páginas apresentadas, em aspectos visuais, na horizontal – um diferencial aos produtos de mercado, verticais.

Ainda no quadro das edições especiais, fez-se uma com pautas mais amplas do ponto de vista geográfico, muitas das quais de âmbito estadual, como o raio-x do rio Iguaçu e uma visita à antiga e polêmica Estrada do Colono, no Oeste paranaense. A última edição do ano do **Ágora** foi também a mais recheada – 64 páginas, tendo como mote perfis e entrevistas com personalidades bastante conhecidas da opinião pública. Elke Maravilha, Daiane dos Santos, Sean Hepburn (o filho da lendária atriz Audrey Hepburn), Alceu Valença, João Pedro Stédile e outros tantos (acima mencionados) concederam entrevistas exclusivas ao **Ágora**, por telefone, e-mail ou presencialmente. O desafio, neste caso, era fugir do lugar comum que costuma atingir as respostas dadas por pessoas que, costumeiramente, atraem a atenção da Imprensa. Antes disso, o desafio maior era conseguir propriamente as entrevistas, algo inusitado para alunos de uma escola pública do interior do Brasil.



## 2. Para onde estamos indo

Para 2007, relembra-se, 17 **Ágoras** foram entregues à comunidade. Voltando o olhar para 2005, percebe-se oito edições concluídas, quantia, conforme já mencionado, se elevou a 14 no ano letivo passado. É fato que o substancial incremento no número de edições não pode ser tomado como indicativo de incremento da qualidade na formação acadêmica dos futuros jornalistas. Mas, se esses números forem comparados e outros itens adicionados, é provável que se tenha uma noção mais apurada do que o jornal-laboratório da Unicentro tem contribuído na formação em questão. Ademais, as edições finais do **Ágora** tiveram substancial aumento no número de páginas, passando das 12 de início de ano para as mais de 60 do número final.

Cabe mencionar ainda as novidades no sistema de distribuição (alguns números foram encartados em jornais de Guarapuava, enquanto outros acabaram circulando maciçamente no centro da cidade ao meio-dia de uma comum, depois que a turma se cotizou e cada um assumiu a condição de jornaleiro por alguns instantes) e o cuidado extremo na confecção das capas (bastante sígnicas, algo derivativo dos magazines), além do também nominado estilo impressionista de escrever, em certos casos, fazendo jus ao caráter experimental que produções universitárias devem ter. Em outra situação que precisa ser relatada, o que se viu foi a veiculação de entrevistas estilo ping pong em distintos idiomas, a saber inglês, espanhol e francês, todas devidamente produzidas em determinada língua estrangeira e vertidas para o Português pelos alunos.

Por certo, reforça-se, que, a partir da pequena sala que serve de base para o jornal **Ágora**, não se está produzindo uma revolução no fazer jornalístico dos produtos laboratoriais, senão que apenas se tentando justificar a condição de laboratorial que tem, enquanto veículo saído de um banco escolar. As necessidades mercadológicas, claro, não são esquecidas, na medida em que o alunado é estimulado a dominar os fundamentos da Editoração Eletrônica (paginação, tratamento de imagens, etc), a operar sob a pressão do tempo, a exercitar uma segunda língua e a buscar consolidar seus conhecimentos culturais, por exemplo, três requisitos comuns mínimos que pede o maior jornal diário do Brasil, Folha de São Paulo, em seus anúncios de busca de repórteres.

E, por fim, para além de tudo, paira por sobre o **Ágora** (cujo nome, aliás, deriva de uma expressão grega que indica lugar público do saber) e, portanto, no topo e na



parte interna da cabeça de cada aluno da turma, um alerta de que, para compreender o mundo pós-moderno em que se vive – completamente baseado que é na quebra dos paradigmas e no experimentalismo -, é preciso justamente deixar de lado alguns referenciais e ir por caminhos novos ou pouco trilhados. Agindo assim, ainda que desconheçam seu futuro, os acadêmicos do Jornalismo da Unicentro podem estar devidamente se preparando para ele. O fazer jornalístico clássico, sabe-se, está ruindo e cada vez mais rapidamente, por conta dos referenciais que estão se reestruturando. Há décadas, um pensador disse que *tudo o que é sólido desmancha no ar*. E, no Jornalismo, enquanto campo do conhecimento e das práticas humanas, o ar nunca esteve tão volátil. Quem acompanhou ao menos boa parte dos editoriais, artigos opinativos e cartas ao leitor do **Ágora** de 2007 teve a oportunidade de notar que a equipe da Unicentro estava tentando captar os sinais advindos do ar.

### Referências Bibliográficas

- DIMENSTEIN, G.; KOTSCHO, R. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990.
- ERBOLATO, M. **Técnicas de codificação em Jornalismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Novo manual de redação**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- GARCIA, L.. **O Globo - manual de redação e estilo**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1992.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001
- KOTSCHO, R. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2000.
- MELO, J. M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: 2003.
- SERVA, L. **Jornalismo e desinformação**. São Paulo: Senac, 2001.